



Laços atados

O que a história fez para separar nossas famílias pode ser desfeito... às vezes com pouquíssimo esforço

Por GEORGE TERTERIAN

POSSO FALAR com Panos Kelian?
– Você quer dizer Panios? –
perguntou o intérprete.

De repente, uma sonora voz de barítono indagou em português:

– Quem está falando?

Animei-me com o desafio evidente na voz.

– Oi, meu nome é George Terterian. Moro na Califórnia e acho que somos parentes. Seu

sobrenome é o mesmo da minha mãe, quando solteira, e ela disse que talvez tivéssemos parentes no Brasil.

Ele afirmou que não tinha nenhum parente nos Estados Unidos. Confessei que também não estava certo de ter parentes no Brasil, e que era esse o motivo da ligação.

EM 1997, minha firma de advocacia nos Estados Unidos começou a patrocinar um time de futebol local, um misto de várias nacionalidades: armênios, japoneses, mexicanos, chilenos, americanos, guatemaltecos e brasileiros.

Os brasileiros do time – Hamilton, de São Paulo, César, do Rio, Gustavo e Luciano, de Porto Alegre – eram entregadores do restaurante chinês que eu freqüentava e que ficava perto do escritório, e sempre falavam de sua terra.

Um dia mencionei a esses amigos que minha mãe tinha parentes em algum lugar do Brasil. Eles de pronto perguntaram: “Onde?” Fiquei constrangido por não saber a resposta, e essa sensação acabou desencadeando minha “odisséia brasileira”.

Falei com minha mãe e com o primo dela em Boston. Ninguém sabia. Minha mãe lembrou que seu pai havia recebido uma fotografia de Garabed Kelian, com uns 60 anos. Garabed estava cercado por uma mulher bonita, que não parecia armênia, e diversas crianças. Yessayi Kelian não via o irmão desde que os dois tinham 20 e poucos anos, em 1908. Então a família de minha mãe

também tirou um retrato para enviar a tio Garabed.

Isso foi no verão de 1947. Depois, eles perderam contato.

TIREI FOLGA logo depois do Dia de Ação de Graças de 1997. Era uma data perfeita para ir ao consulado brasileiro. Conduziram-me a uma biblioteca cheia de listas telefônicas. Em cinco minutos, deparei com “Kelian, Panios” no catálogo de São Paulo. Até o momento, era o único Kelian das listas. Avaliando o tamanho do restante da sala, decidi que Panios me levaria aos outros parentes, caso existissem. Anotei nome, endereço e telefone, e saí.

Escrevi para Panios Kelian e por cinco semanas aguardei uma resposta, mas nada recebi. Meus amigos brasileiros, então, perguntaram: “Por que você não liga para ele?”

DURANTE a conversa telefônica, o Sr. Kelian estava irritado com o que imaginava um trote.

– Já disse que não temos parentes nos Estados Unidos – insistiu ele.

– Eu sei, eu sei... Nenhum de que o senhor saiba, não é?

Ah, agora era o momento de interrogar a testemunha – minha parte preferida num julgamento. A engrenagem começava a andar.

– Deixe-me ver se entendi. Seu sobrenome é Kelian, certo?

– Certo.

– E seu pai é armênio, não é?

– Era. Ele já faleceu.

– Eu sinto muito. Ele tinha família no Oriente Médio? De onde ele veio?

– Do Líbano. Não, da Síria.

– Ótimo. Meus pais também vieram da Síria, e eu nasci no Líbano. O nome de solteira da minha mãe era Kelian. O nome do meu avô era Yessayi Kelian. Ele nasceu numa aldeia armênia chamada Kessab.

A voz desapareceu. Silêncio absoluto.

– Alô? – chamei, imaginando que a linha tivesse caído.

– Kessab?

Quase pude ouvi-lo revirando o nome na cabeça. Ele tossiu para limpar a garganta.

– Hum, como vai, hummmmm, sua família? Estão todos bem?

A voz falhou. Respirei fundo. Dava para ouvir até o intérprete suspirando. Sem dúvida, ele também teria uma bela história para contar à mesa do jantar.

Nesse momento, Panios parecia mais armênio do que brasileiro.

– Um tio de minha mãe foi para o Brasil há muito tempo. Pergunto-me se poderia ser seu pai, tio ou avô...

Trocamos números de fax, e-mails e tudo mais. Antes de desligarmos, ele disse:

– Deus abençoe o nosso povo.



Elos do passado – Cinquenta anos depois, as fotos ajudaram a completar o quebra-cabeça.

Despedi-me convencido de que havíamos encontrado um elo. Só não sabia se próximo ou não. Resolvi esperar antes de contar a minha mãe ou minhas irmãs.

Não precisei esperar muito. Aparentemente eu acendera uma chama no Sr. Kelian. Uma semana depois, recebi no escritório um grande pacote de São Paulo. Abri-o como um menino de 9 anos na manhã de Natal. Papéis e mais papéis se empilharam em minha mesa. Uma carta, um cartão de visita, uma árvore ge-

nealógica cuidadosamente preparada no computador, fotografias coloridas de desconhecidos com rostos sorridentes, alguns velhos, outros jovens, com nomes brasileiros escritos embaixo. Seriam primos?

Então, meu coração disparou. Engoli em seco e senti o coração vir à boca. Ali estava... a cópia amarelada de um retrato em preto e branco. Rostos familiares: Yessayi e Manouchag Kelian com os cinco filhos: Zenop, Simon, Noubar, Mary e minha mãe, Sirvart, adolescente!

Em alfabeto armênio, uma anotação dizia: "Uma lembrança para meu irmão Garabed: o retrato de minha família... Beirute, 27 de julho de 1947, Yessayi Kelian."

COMECEI a aprender português com fitas cassete. Passei a prestar mais atenção a tudo que se referia ao Brasil. Panios e eu começamos a juntar as peças do quebra-cabeça. Ele preparou para mim um álbum de fotografias completo da família, e fiz o mesmo para ele. Passei a receber cartas e e-mails de muitas pessoas que se identificavam como primos do Brasil. Foi fascinante para todos os envolvidos.

Eu começava a entender os "laços rompidos" da família de minha mãe.

Garabed Kelian era o filho mais velho de Simon e Mary Kelian, da aldeia de Kessab. Meu avô materno,

Yessayi, era apenas um ano mais novo do que o irmão Garabed, que deixou os pais, o irmão e as quatro irmãs em 1908. Ouviu falar do Genocídio Armênio em 1915, mas nada pôde fazer além de sofrer pela provável perda da família.

Com persistência, trabalhou muito e, embora não tenha acumulado bens materiais, sempre proporcionou a segurança de um lar para sua numerosa família. **Conheceu** e se casou com **Avelina de Jesus** em São Paulo. O **casal foi abençoado com**

sete filhos, dos quais seis ainda vivem. Um deles é Panios Kelian.

Mas por que o tio de minha mãe havia partido? Um dia, ao telefone, Panios me explicou. "Meu pai e outro armênio estavam viajando de mula quando foram

atacados por dois soldados turcos. Reagiram e mataram os dois. Quando voltaram para a aldeia e contaram o ocorrido a alguns aldeões, foram aconselhados a fugir, pois, se de fato fossem soldados, haveria retaliação. Meu pai foi para casa. Só a mãe dele estava lá. Apesar de seus apelos, ele explicou que, se ficasse, todos estariam em perigo. Precisava partir. Pegou a mula e se foi."

Ao chegar a Antioquia, Garabed vendeu a mula, comprou uma passagem de navio e seguiu para o Egito. Depois de alguns meses, viajou

Viajou para Santos, onde chegou sem dinheiro e sem falar nada de português.

para Marselha, na França. Lá viveu por dez meses, quando surgiu a oportunidade de ir para o Brasil. O país havia abolido a escravidão em 1888 e precisava de homens fortes para trabalhar nas plantações de café e cana-de-açúcar. Garabed era forte como um touro. Em 1909, ele viajou para a cidade de Santos. Chegou sem um centavo e sem falar nada de português.

Trabalhou em Santos, no litoral de São Paulo, e em Piraju, no interior. A família não parava de se mudar. O esforço dele era amparado pela igualmente enérgica e corajosa Avelina de Jesus Kelian, brasileira de sangue português e indígena.

Apesar das muitas dificuldades, a família resistiu e prosperou. Por fim, com os filhos crescidos, os Kelians passaram a desfrutar de um razoável conforto. Hoje, vivem bem em São Paulo.

Estranhamente, porém, Garabed jamais falava da família. Panios me disse que, sempre que perguntavam a respeito, ele ficava emocionado, não respondia e se retirava.

UM ANO depois do telefonema, eu estava pronto para conhecer meus parentes brasileiros. Quando atravessei os portões do Aeroporto de Guarulhos em São Paulo, logo vi o primo Panios Kelian.

Lá estava ele com tio Nader, o marido da prima Neuza e um intérprete.

Minhas duas semanas no Brasil

voaram. Um dia, Panios me disse: “No domingo você vai conhecer a família.” De carro, levamos uma hora e meia de sua casa até um clube.

Era um janeiro quente e úmido. Quando chegamos, vi um enorme salão, decorado com mesas repletas de frutas tropicais em que eu jamais havia posto os olhos (e com as quais sonho até hoje) e abarrotado com cem ou mais pessoas. Pensei: *Devemos ter uma mesa reservada aqui, onde vou conhecer alguns primos*. Eu estava enganado. Mais de cem descendentes do tio de minha mãe, Garabed Kelian, esperavam por mim.

Agüentei bem as três primeiras ondas humanas de abraços, beijos, choros e pessoas que eu nunca vira me chamando de primo. Na quarta investida, um grupo de crianças de 6 ou 7 anos se enroscou nas minhas pernas e não resisti. Pedi licença e saí para recuperar o fôlego.

Ficamos no salão, comendo, bebendo, dançando ao som de música armênia e brasileira. Não dormi a noite toda, conversando, rindo e chorando com meus primos.

Depois de tirarmos fotos e de eu me sentir cada vez mais uma celebridade estrangeira posando para as câmeras, formamos um círculo e brindamos com o *brandy* armênio Ararat. Narrei aos meus primos a jornada que empreendi para encontrá-los e prometi que, com o mundo ficando cada vez menor, jamais nos perderíamos novamente.

A família Kelian havia atado os laços rompidos pela vida. ■

Não há acordo possível entre o homem e seu destino.

—MILLÔR FERNANDES no *Jornal do Brasil*

Para não envelhecer só há um jeito, que é morrer jovem. Isso eu nunca quis nem quero. Então, vamos envelhecer.

—LYGIA FAGUNDES TELLES na *IstoÉ*

Eu nunca me sinto só na cozinha. A comida é algo muito amigável.

—JULIA CHILD na *Time*

Nada é tão volúvel ou variado quanto os sentimentos. —ANTONIO MACHADO

As suas imperfeições são o que o fazem belo.

—SANDRA BULLOCK em *Parade*

Estamos sendo sempre ensinados pela vida. E por que, então, temos tanta dificuldade em aprender? Porque ela ensina, mas não repete.

—RABINO PINCHAS MIKURITZ,
citado por NILTON BONDER em
Fronteiras da inteligência (Editora Campus)

Ser alegre sem se dar conta do fato é o melhor tipo de alegria.

—ANTONIO GALA,
El manuscrito carmesi (Editorial Planeta)

Quem disse?

Quem não se dá o direito de ter um momento ruim está perdendo uma experiência enriquecedora.

- a) Jô Soares
- b) Cida, do Big Brother Brasil II
- c) Patricia Pillar
- d) Arnaldo Antunes

—VEJA A RESPOSTA ABAIXO

(d) Arnaldo Antunes na *Elle*

A memória tem uma tendência a ser seletiva e parcial, a nos justificar, a fazer esquecer o que não nos interessa.

—CARLOS HEITOR CONY,
citado por Suênio Campos de Lucena em
21 escritores brasileiros: uma viagem entre mitos e motes (Escrituras Editora)

A vida é maravilhosamente infinita para vivermos circunscritos a quadrados imaginários.

—ROBERTO SHINYASHIKI,
A carícia essencial
(Editora Gente)